

**ANTROPOLOGIA COLABORATIVA E REPOSITÓRIOS DIGITAIS DE PESQUISAS
URBANAS: A EXPERIÊNCIA DO BANCO DE IMAGENS E EFEITOS VISUAIS
(UFRGS)**

***Collaborative anthropology and digital repositories of urban research:
The experience of the Image and Visual Effects Bank (UFRGS)***

***Antropología colaborativa y repositorios digitales de investigación
urbana: la experiencia del Banco de Imagen y efectos visuales (UFRGS)***

José Luís Abalos Junior

Doutor em Antropologia Social, Docente da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e do
Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

E-mail: abalosjunior@gmail.com

Ana Luiza Carvalho da Rocha

Doutora em Antropologia, Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

E-mail: miriabilis@gmail.com

Cornelia Eckert

Doutora em Antropologia Social, Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

E-mail: chicaeckert@gmail.com

Áltera, João Pessoa, Número 18, 2024, e01810, p. 1-18.

ISSN 2447-9837



RESUMO:

O artigo contempla os temas da ciência aberta, das políticas de memória e do patrimônio cultural nas cidades brasileiras como parte dos processos de acessibilidade às comunidades urbanas do país através da comunicação pública dos dados das pesquisas sobre seus patrimônios culturais e históricos. Tais estudos vêm sendo desenvolvidos no interior do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trata-se de aprofundar os dilemas enfrentados pela comunidade científica tanto no que se refere à construção de repositórios digitais de pesquisa etnográfica na área de Antropologia Urbana quanto a sua divulgação, que deve visar não apenas a rede nacional de museus e centros de documentação do país, mas também um público mais amplo, via redes digitais e eletrônicas. Objetiva-se ampliar a pesquisa etnográfica em hipermídia e contribuir para os estudos de patrimonialização da produção antropológica audiovisual, considerando-a como portadora de um valor cultural específico. Esse processo complexo, importante e fundamental já vem sendo realizado no âmbito dos ateliês de produção e criação do BIEV, sob a supervisão das coordenadoras do grupo de pesquisa, com a participação de bolsistas e com o acompanhamento de pesquisadores associados(as) com formação em *web design*. Os acervos sob a guarda de laboratórios e núcleos de pesquisa em Antropologia Visual, como o caso do BIEV, concentram produções culturais que resultam das relações de colaboração dos pesquisadores com seus parceiros de pesquisa, devendo, portanto, a eles retornar.

PALAVRAS-CHAVE: Repositórios digitais. Restituição. Etnografia. Imagem. Cidade.

ABSTRACT:

The article addresses the themes of Open Science and Memory and Cultural Heritage Policies in Brazilian cities as part of the processes of accessibility to the country's urban communities through the public communication of research data on their cultural and historical heritage that have been developed within the Bank of Images and Visual Effects, a research project of the Postgraduate Program in Social Anthropology at the Federal University of Rio Grande do Sul. It aims to deepen the dilemmas faced by the scientific community in relation to the construction of digital repositories of ethnographic research of Urban Anthropology as well as its dissemination, which should not be directed only to the country's national network of museums and documentation centers, but also to a broader public, via digital and electronic networks. The aim is to expand ethnographic research in hypermedia and contribute



to studies on the heritage of audiovisual anthropological production, considering it a bearer of a specific cultural value. This complex, important and fundamental process has already been carried out within the scope of the BIEV production and creation workshops, under the supervision of the coordinators of the research group and with the participation of fellows and the support of associated researchers trained in web design. The collections under the custody of laboratories and research centers in visual anthropology, such as the case of BIEV, concentrate cultural productions that result from the collaborative relationships between researchers and their research partners and, therefore, must be returned to them.

KEYWORDS: Digital repositories. Restitution. Ethnography. Image. City.

RESUMEN:

El artículo aborda los temas de ciencia abierta, políticas de memoria y patrimonio cultural en las ciudades brasileñas como parte de los procesos de accesibilidad a las comunidades urbanas del país a través de la comunicación pública de datos de investigaciones sobre su patrimonio cultural e histórico. Dichos estudios se desarrollaron en el marco del Banco de Imagen y Efectos Visuales, un proyecto de investigación del Programa de Postgrado en Antropología Social de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul que trata de profundizar los dilemas que enfrenta la comunidad científica tanto en lo que se refiere a la construcción de repositorios digitales de investigaciones etnográficas en el área de Antropología Urbana en términos de su difusión, que debe apuntar no sólo a la red nacional de museos y centros de documentación del país, sino también a un público más amplio, a través de redes digitales y electrónicas. . El objetivo es ampliar la investigación etnográfica en hipermedia y contribuir a los estudios sobre la patrimonialización de la producción antropológica audiovisual, considerándola como portadora de un valor cultural específico. Este complejo, importante y fundamental proceso ya se ha llevado a cabo en el ámbito de los talleres de producción y creación del BIEV, bajo la supervisión de los coordinadores de los grupos de investigación, con la participación de los becarios y con el seguimiento de investigadores asociados con formación en diseño web. . Las colecciones bajo custodia de laboratorios y centros de investigación en Antropología Visual, como el caso del BIEV, concentran producciones culturales que resultan de las relaciones de colaboración entre los investigadores y sus socios de investigación, y por tanto deben ser devueltas a ellos.

PALABRAS CLAVE: Repositorios digitales. Restitución. Etnografía. Imagen. Ciudad.



INTRODUÇÃO

Nossa proposta neste artigo é contemplar o tema das Políticas de Memória e de Patrimônio Cultural nas cidades brasileiras e o processo de restituição de dados antropológicos através da criação de repositórios digitais e da disseminação dessas informações para uma comunidade de conhecimento mais ampla que o contexto universitário. Tendo por base uma trajetória de estudos na interface das linhas de investigação da Antropologia Urbana e da Antropologia Audiovisual, divulgamos nossa experiência relacionada aos processos de acessibilidade às comunidades urbanas do país por intermédio da visibilidade das pesquisas etnográficas sobre seus patrimônios culturais e históricos. Tais pesquisas vêm sendo desenvolvidas há mais de 25 anos no interior do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV) em parceria com o Núcleo de Antropologia Visual, ambos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e do Curso de Arquivologia, no Departamento de Ciências da Informação e da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Banco de Imagens e Efeitos Visuais nasceu no âmbito Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, desde seu início, manteve forte vínculo com o Núcleo de Antropologia Visual (Navisual), criado em 1989.¹ O BIEV foi criado pelas antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert em 1997, quando obteve aprovação e reconhecimento pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) no âmbito do Laboratório de Antropologia Social (LAS). Em uma época em que ainda não tínhamos acesso a *softwares* livres, nosso objetivo era difundir digitalmente, no formato de coleções etnográficas multimídia, os dados oriundos da pesquisa com itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no contexto citadino contemporâneo.

A produção em antropologia audiovisual em ambos os projetos tinha uma base comum: a pesquisa etnográfica com recurso aos suportes fotográficos, videográficos e sonoros. No que concerne ao projeto BIEV, já se destacava a pesquisa em acervos de imagens com consentimento formal para a digitalização dos dados, considerando a elaboração de um extenso formulário sobre a origem do material e procedimentos de registro. Esse procedimento era fundamental para o projeto BIEV atingir seu objetivo de criar e manter um *site* para a divulgação dos dados produzidos pela equipe formada pelas coordenadoras, por estudantes de pós-graduação e graduação, em especial orientandos(as) das coordenadoras, por bolsistas de iniciação

1 O Navisual foi coordenado pela professora Cornelia Eckert de 1993 a 2023.



científica e pelos de produção técnica, além dos estudantes voluntários que integraram o processo de aprendizado do projeto nestes 25 anos.

A criação do site-BIEV² possui um duplo caráter de abertura do saber. Por um lado, conta com um importante acervo de vídeos etnográficos, como a coleção *Narradores Urbanos*, revistas científicas, como *Iluminuras* e *Fotocronografias*, um *podcast* chamado *BievCast*, vários livros de acesso gratuito, conferências realizadas – gravadas e/ou transcritas – e o registro de projetos de difusão desenvolvidos em anos anteriores. Por outro lado, mantém um repositório digital³ com acesso a documentários, fotografias, registros sonoros e outros dados visuais e etnográficos, documentados a partir de padronização internacional e organizados por um *thesaurus* criado ao longo de todos estes anos de projeto, contendo os conceitos fundantes da pesquisa das coordenadoras.⁴

A contínua alimentação da plataforma digital institucional do BIEV/PPGAS/UFRGS ocorre através dos processos de ensino, aprendizagem e pesquisa em âmbito de graduação e pós-graduação.⁵ Durante todos esses anos de atuação, a equipe do BIEV observa a existência de uma grande demanda dos(as) alunos(as) das Ciências Sociais em ter uma formação especializada com o uso dos recursos audiovisuais na prática da pesquisa.⁶ Esse desejo possui diversas motivações, mas uma dos principais é a vontade de realizar pesquisas que tenham impacto em termos comunicacionais, oportunizando a difusão científica de temas estudados pelas Ciências Sociais entre um público mais amplo por intermédio de outros meios de comunicação não limitados à escrita acadêmica.

Por isso, o BIEV vem absorvendo a demanda de alunos(as) advindos(as) de áreas comuns de interesse ao campo da pesquisa antropológica para além desta área de conhecimento, tais como a Sociologia, a Museologia, a Comunicação, a Ar-

2 O site pode ser acessado em: www.biev.ufrgs.br.

3 Os repositórios digitais são bases de dados *on-line* que reúnem de maneira organizada a produção científica de uma instituição ou área temática, aliando a questão da difusão digital do conhecimento à preservação de longa duração.

4 As coordenadoras publicaram vários livros relatando a trajetória de construção do campo conceitual com base em seus estudos antropológicos, notadamente o livro *A Preeminência das imagens e do imaginário nos jogos da memória coletiva e coleções etnográficas*, publicado pela ABA (Associação Brasileira de Antropologia) em 2015.

5 Importante ressaltar que o BIEV nasceu a partir do legado e trajetória de bolsistas de iniciação científica do CNPq e da Fapergs, de bolsistas de apoio técnico do CNPq e de pesquisadores associados ao CNPq e à CAPES, desde 1998. Em especial, tiveram sua iniciação, entre outros, os pesquisadores Rosana Pinheiro Machado, Olavo Ramalho Marques, Rafael Devos, Patrícia Rodolpho, Viviane Vedana, Fernanda Rechenberg, Paula Biazus, Luciana de Mello, Thais Cunegatto, Rafael Derois, Vanessa Zamboni.

6 Cabe ressaltar a transdisciplinaridade que a Antropologia, e mais enfaticamente a Antropologia Visual e da Imagem, necessitam ao refletirem sobre o tema da restituição e dos repositórios digitais de dados abertos de pesquisas.



quitetura, as Letras, a História, a Psicologia, o Cinema e a Informática. Para estudantes oriundos desses campos, assim como para aqueles das Ciências Sociais, a pesquisa do BIEV com a produção audiovisual tem dado novas bases para a divulgação e a circulação de conhecimentos científicos para além do espaço livresco e da cultura da escrita, num esforço de sensibilização das Ciências Humanas e Sociais em seu compromisso pelo impacto social.

Dessa forma, muitos alunos – a grande maioria com bolsas de pesquisa – realizam etnografias visuais durante seus períodos de formação e, como contrapartida⁷ ao processo de aprendizagem, deixam seus registros audiovisuais dentro do repositório digital do BIEV. Ainda hoje, no cenário brasileiro e internacional, esses documentos não são tratados como dados de pesquisa que devem ser preservados com vistas ao futuro e disponibilizados digitalmente para acesso aberto aos públicos interessados. Por isso, o projeto BIEV tem a preocupação de organizar numa base de dados multimídia os materiais de pesquisa de campo reunidos ao longo de mais de duas décadas por sua equipe com a finalidade de disponibilizá-los através de plataformas digitais, evitando que os registros fiquem apenas sob a custódia individual do(a) pesquisador(a) que os produziu, democratizando o acesso a materiais produzidos com recursos financeiros do ensino público.⁸

É importante ressaltar que, cada vez mais, isso se mostra como algo fundamental para que as Ciências Sociais causem impacto social em diversos tipos de ações políticas, como a luta por direitos e reconhecimento dos grupos com os quais se faz pesquisa. Sem a memória e a comunicação dessas produções, não há como sermos vistos pelo que fazemos. Nesse sentido, a proposta do BIEV sempre se orientou pela busca da consolidação de uma ação ética e política da Antropologia, com a popularização e divulgação científica *on-line* de suas pesquisas nos contextos das metrópoles contemporâneas, em particular Porto Alegre e sua região metropolitana.

Dessa forma, estamos refletindo sobre metodologias de preservação e divulgação de repositórios de pesquisas antropológicas audiovisuais sobre memória e patrimônio no contexto das metrópoles brasileiras, considerando essa prática uma ação de restituição dos saberes produzidos no âmbito acadêmico. No nosso caso, isso tem relação com um acervo das produções audiovisuais da comunidade urbana de Porto Alegre (RS) e sua expansão na Internet, no *site* institucional, com o objetivo de popularização e divulgação científica de suas coleções entre um público mais

7 Entende-se por contrapartida a organização da pesquisa em coleções etnográficas e a sua futura disponibilização para que esse material esteja incluso no acervo do BIEV.

8 Um exemplo de como a produção do grupo continua evoluindo e alcançando outros campos de discussão é a dissertação de Matheus Cervo (2022) sobre repositórios digitais antropológicos e visuais, que teve o BIEV como estudo de caso principal.



amplo, através do estudo da aplicabilidade da inovação tecnológica para a informatização de dados de pesquisas etnográficas audiovisuais oriundos do contexto das metrópoles brasileiras.

A ORGANIZAÇÃO DE METADADOS EM ACERVOS ETNOGRÁFICOS

O BIEV, como assinalamos acima, desenvolve projetos de pesquisas nas áreas da Antropologia das Sociedades Complexas e da Antropologia Visual e da Imagem, seguindo uma linhagem intelectual consolidada em nível internacional e nacional de estudos sociais das e nas cidades e de uma antropologia audiovisual muito produtiva e inovadora. O projeto BIEV é orientado para o estudo das formas como se organizam as produções científicas e acadêmicas unidas ao projeto de abertura do conhecimento. Outra preocupação importante é a modalidade de inovação e o tipo de efeito social que essa abertura produz, assim como o interesse das métricas quantitativas de impacto dos respectivos projetos e suas ramificações na internet.

Nos últimos 20 anos, o BIEV tem investido regular e sistematicamente em pesquisas com metodologias da área da Ciência Aberta e da Web Semântica para o acesso do público em geral aos resultados das pesquisas etnográficas sobre a memória e patrimônio cultural dos habitantes de Porto Alegre e sua região metropolitana. Por meio das contribuições dos colegas, a equipe do BIEV vem desenvolvendo um repositório digital de coleções etnográficas sobre a vida metropolitana em Porto Alegre, criado especificamente para essa finalidade, através do uso da Plataforma Tainacan, desenvolvida pelo Laboratório de Inteligência de Redes da Universidade de Brasília, com apoio da Universidade Federal de Goiás, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e do Instituto Brasileiro de Museus. O BIEV encontra-se inserido nessa rede de pesquisa e de estudos.⁹

O site institucional do BIEV tornou-se assim, ao longo dos anos, um instrumento importante para ampliar as atuações institucionais da UFRGS no âmbito da comunidade urbana porto-alegrense, promovendo colóquios, congressos, simpósios, mostras de vídeos e exposições fotográficas, todos estes eventos abertos ao grande público. Eles passaram a fazer parte de seu repositório de pesquisa acessível *on-line*, sempre acompanhados de recursos de estatísticas de acesso para a mensuração do impacto do projeto de difusão do conhecimento antropológico. Em particular, preo-

9 Os resultados de tais investigações sobre as tecnologias da informática e as redes digitais podem ser acessados no site institucional do BIEV, www.biev.ufrgs.br, especificamente no link <https://www.ufrgs.br/biev/itens/> no qual temos buscado disponibilizar *on-line* suas produções sob o formato de coleções etnográficas multimídia.



cupa-nos o debate da acessibilidade dos arquivos de pesquisas etnográficas, levando-se em conta as aproximações, e não os afastamentos, entre as memórias plurais dos habitantes das grandes metrópoles contemporâneas. Isso posto, cabe discutir as classificações que elaboramos para narrar os acontecimentos e os processos criativos como parte de sistemas de organização do conhecimento que atendam às estruturas conceituais da Antropologia.

Tal perspectiva nos aproxima das preocupações que Achille Mbembe (2013, 2015) denominou de decolonialidade dos conhecimentos aplicados a uma reflexão crítica sobre os limites de certos arquivos históricos e centros de documentação. Inspirados neste autor, estamos atentos às dificuldades de repensar os valores arquivísticos e os princípios contidos em seus acervos sob o olhar de um mundo pós-colonial. Para o autor:

Nossa capacidade de fazer incursões sistemáticas além dos nossos horizontes atuais de conhecimento será severamente prejudicada se confiarmos exclusivamente naqueles aspectos do arquivo ocidental que desconsideram outras tradições epistêmicas. (Mbembe, 2015, p. 24)

O processo de documentação e divulgação dos dados de pesquisa tem por fundamento o uso do método de convergência (Durand, 1984), que nos orienta a reunir em acervos etnográficos formas de organização do conhecimento que nos permitam pensar o patrimônio documental, fruto das pesquisas antropológicas realizadas com os habitantes dos grandes centros urbanos contemporâneos, dentro dos marcos metodológicos de uma etnografia da duração. Referimo-nos aqui a um sistema de classificação e de recuperação de informações organizado nos moldes de coleções etnográficas digitais com diferentes composições (iconográficas, sonoras, audiovisuais, literárias) com as quais o BIEV vem trabalhando por meio da pesquisa com a plataforma Tainacan.

O método de convergência pauta-se pela formação de coleções de documentos agrupados em multimídias e, posteriormente, em constelações de arranjos documentais orientados por uma estrutura conceitual que seja suficientemente representativa dos estudos do Imaginário para a criação, transposição e geração das memórias plurais, por vezes contraditórias, dos habitantes das grandes metrópoles contemporâneas. Não se trata de abandonar os estudos de organização do conhecimento da arquivística moderna, problematizado por Makhlof (2009) ou Crippa (2017), mas de provocá-los na aplicação de um repositório digital de pesquisa nos moldes de uma etnografia da duração e também na interface entre as ciências de informação e as pesquisas antropológicas no âmbito das sociedades complexas, tendo em mente os efeitos da primeira sobre a segunda (Pimenta, 2020).



A INFORMATIZAÇÃO DOS ACERVOS DE PESQUISAS ANTROPOLÓGICAS EM AMBIENTES VIRTUAIS

O repositório digital de pesquisas do BIEV compõe-se de coleções etnográficas multimídias organizadas e reunidas segundo temas específicos e de acordo com a perspectiva dos procedimentos oriundos da etnografia da duração, ou seja, a formação de constelações de imagens que reverberam a cada acesso de usuários(as) em busca da partilha dos dados. No caso do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV), tais conjuntos documentais e seus metadados, dispostos em agrupamentos, narram a memória e o patrimônio da comunidade urbana porto-alegrense e podem ser adicionados diretamente no ambiente da plataforma Tainacan, desenvolvida especificamente para essa finalidade no site institucional. De acordo com o tema de cada coleção, taxonomias, metadados e filtros específicos foram configurados para permitir que o usuário descubra as estruturas espaço-temporais das quais resultaram os atuais arranjos diversos da paisagem urbana em Porto Alegre.

No estudo da formação do tesouro bieviano, apoiamo-nos nos artigos de Bocato, Ramalho e Fujita (2008), sobre a construção de ontologias como instrumento de organização e recuperação de informações em ambientes virtuais, e de Moura (2009), acerca dos possíveis frutos das relações entre o tesouro,¹⁰ com suas linguagens pré-definidas, e as relações finitas que propõem entre os documentos e as ontologias,¹¹ que são mais flexíveis e complexas. Enquanto os primeiros se mostram eficientes no escopo da Ciência da Informação quanto à indexação e recuperação de informações no âmbito da Web Semântica para a exploração da plataforma Tainacan, a utilização de termos associados a certos arquivos é fundamental, pois ela fornece um vocabulário de comunicação necessário entre os agentes e as páginas de consulta na Internet (Pickler, 2007, p. 71-72). Para deixar mais evidentes conceitos como Web Semântica e ontologias referentes a repositórios digitais, Maria Elisa Pickler (2007) esclarece que

A Web Semântica é uma extensão Web que acrescenta semântica ao atual formato de representação de dados. Para isso foram propostas diversas tecnologias, dentre essas a criação de ontologias, visando atribuir sentido

10 Segundo Maria Elisa Pickler (2007, p. 75), os *tesauros* tratam de vocabulários controlados e dinâmicos de vocábulos relacionados, semântica e genericamente, “com a finalidade de formalizar a padronização de termos da linguagem específica de uma determinada área do conhecimento”.

11 Segundo Maria Aparecida Moura (2009, p. 8), “as ferramentas ontológicas são mediações de linguagem adotadas em sistemas de informação, compostas por estruturas informacionais contextualizadas e derivadas de esquemas intelectuais mais complexos. Tais ferramentas são desenvolvidas sob pontos de vista e propósitos específicos e têm por objetivo orientar os sujeitos na compreensão acerca do conhecimento em áreas definidas, bem como apoiar a adoção consciente desses esquemas representacionais em sistemas de organização e recuperação da informação”.



e significado ao conteúdo dos documentos, atuando como ferramenta de representação do conhecimento. (Pickler, 2007, p. 65)

Sobre a passagem dos conceitos da área da Antropologia Urbana e das sociedades complexas para a organização das informações contidas nos arquivos das coleções etnográficas do BIEV, com a finalidade de disponibilizá-los na plataforma Tainacan, levamos em conta os princípios de Ranganathan de que tratam Campos e Gomes (2003) em seu artigo sobre a organização de domínios de conhecimento, dirigida para a transferência de informações e sua recuperação em meios eletrônicos. Ou seja, na construção do conhecimento do ambiente organizacional dos arquivos, segundo certos conceitos empregados para os estudos de etnografia da duração, procuramos refletir sobre as séries verticais (as categorias ou classes) ou horizontais (as palavras-chaves ou subclasses) que criam entre os seus conteúdos e a sua organização em uma estrutura hierárquica, de acordo com certas classificações.

Para o caso da formação de classes de conceitos, podemos considerar que a organização do conhecimento acumulado pelos anos de pesquisa do BIEV – na e da cidade de Porto Alegre – representou dois desafios importantes ao longo dos anos. No primeiro caso, a construção de um repositório de pesquisa significou, inicialmente, a elaboração de uma “cadeia” de assuntos tratados nos documentos etnográficos que, hierarquizados verticalmente em arquivos multimídia relacionados entre si, em classes, conforme os domínios da Antropologia das Sociedades Complexas, dão origem, assim, às categorias no interior do tesouro bieviano.¹² Em segundo lugar, buscamos delimitar os encadeamentos (“renques”) de microconceitos que, organizados entre si em séries horizontais (subclasses ou palavras-chave), atuam como dimensões operatórias contidas na cadeia bieviana de macroconceitos.

Assumindo a premissa bachelardiana¹³ de que, por um lado, o tempo, por sua feição lacunar, é vibração e hesitação, e que, por outro, a vida é movimento e construção produtiva, nosso desafio está em interpretar as discontinuidades espaço-temporais nas metrópoles contemporâneas. Isso nos leva a problematizar as experiências temporais vividas pelas diversas gerações operacionalizadas pelo conjunto de imagens documentadas. Devemos certamente problematizá-las, reconhecendo que não resultam de uma simples oscilação de instantes que precisa ser submetida ao contexto administrativo de museus, arquivos públicos e centros de documentação para que se tornem conhecimento, permitindo a acessibilidade às informações produzidas. Tais coleções etnográficas, originalmente formadas segundo seus suportes

12 Sobre o tesouro bieviano, recomendamos a leitura de nosso livro *A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas* (Eckert; Rocha, 2015).

13 Referimo-nos à obra de Gaston Bachelard (1963; 1992).



diferenciados e posteriormente reunidas no tesouro, vão dar origem às constelações que expressam uma dinâmica/mobilidade de temas em torno dos quais foi gravitando o conhecimento do patrimônio das metrópoles contemporâneas no desenrolar das pesquisas bievianas com a etnografia da duração.¹⁴

COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS E AS REPRESENTAÇÕES DO CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICO

Um dos problemas da organização dos metadados de nossa pesquisa foi a delimitação das bases do universo do conhecimento antropológico e a demarcação de suas fronteiras no que tange ao lugar da imagem e do imaginário na formação de seus domínios. Especificamente quanto à formação do tesouro bieviano e os domínios do conhecimento antropológico, foram necessárias atenção e reflexividade na transposição de cada registro para o ambiente da documentação. Esta ação implica vincular os dados registrados aos processos de organização e recuperação de informação que eles veiculam. A partir do uso do método de convergência, as fontes e os fundos originais das informações, a revisão da literatura e os estudos e pesquisas realizados pela equipe do BIEV tratariam não apenas da natureza prática, mas igualmente da natureza moral (Crippa, 2017) de tais coleções etnográficas.

O sistema classificatório do tesouro bieviano procura preservar a lógica do processo de compilação de coleções etnográficas segundo os princípios básicos do universo original das ideias das quais derivam seus conjuntos documentais que, reunidos entre si, permitem-nos pensar uma cidade qualquer como expressão de um patrimônio da humanidade. Ou, como apontam Campos e Gomes (2003, p. 153) a partir das ideias de Ranganathan, tal universo original das ideias não se refere apenas ao “local onde elas são agrupadas”, mas do lugar onde o movimento entre elas permite “um repensar constante” dos conhecimentos “feitos pelo ser humano, a partir do mundo que o cerca”.

De muitas formas, temos debatido nas reuniões do BIEV a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação nos nossos processos de desenvolvimento e administração das coleções etnográficas em unidades de informação, o que nos leva a propor que a perspectiva de restituição se refere justamente à qualidade e amplitu-

14 Referimo-nos aqui, principalmente, às pesquisas realizadas na cidade de Porto Alegre (RS), mas não só. Muitos pesquisadores e pesquisadoras que passaram pelo Banco de Imagens e Efeitos Visuais tiveram experiência de mobilidade, realizando pesquisas no exterior e trazendo sua produção imagética para o repositório. As próprias coordenadoras do núcleo realizaram pesquisas em outras metrópoles globais, como Berlim, Paris e Athens (Georgia, EUA).

de da divulgação do conhecimento produzido. Para nós, esse processo de restituição visa o diálogo sobre a pedagogia das imagens e das narrativas do tempo histórico e progressista, situadas reflexivamente no âmbito das coleções, de modo a contemplar tanto os jogos de memória no teatro da vida urbana contemporânea quanto as narrativas biográficas que se fazem presentes no movimento do tempo subjetivo com o qual se pauta a vida ordinária dos seus habitantes em seus territórios (Eckert; Rocha, 2005, 2015). Documentos isolados em arquivos, no interior de um repositório de pesquisa, não nos permitem uma apreciação da riqueza de significados das múltiplas e complexas formas de sociabilidade que a vida urbana nas sociedades contemporâneas contempla no tempo e no espaço. Entendemos que, ao disponibilizar e reunir os documentos segundo determinados pontos de convergência e conforme o primado de suas qualidades semânticas isomórficas (Durand, 1984), podemos descobrir em cada um deles uma gama de sentidos que nos conduzem ao conhecimento do patrimônio acumulado por uma comunidade de destino.

O que destacamos aqui é o estudo das formas e dos conteúdos dos registros documentais agrupados na modalidade de coleções etnográficas. Nesse sentido, o estruturalismo figurativo durandiano nos permite compreender alguns elementos importantes. Por um lado, os riscos de distorções provocados pela adoção redutora da dimensão cultural do tempo histórico (e progressista) no desenho interpretativo das paisagens humanas que configuram as formas de vida social. Por outro lado, tal abordagem nos desafia a desvendar o sentido profundo da colonialidade dos poderes e saberes (suas derivações, redundâncias, atualizações) contidos nas formas de organização do conhecimento – formas com as quais nos deparamos ao pesquisar em arquivos de instituições públicas e privadas.

O BIEV, A COMUNIDADE OPEN SOURCE E A PLATAFORMA TAINACAN

O Tainacan (<https://tainacan.org/>) é desenvolvido pelo Laboratório de Inteligência de Redes da Universidade de Brasília, com o apoio da Universidade Federal de Goiás, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e do Instituto Brasileiro de Museus. Trata-se de um *software* livre, de código aberto, com licença GPLv3 e sem custo de instalação ou atualização, podendo ser usado, copiado, estudado, modificado e redistribuído sem restrição alguma. Ou seja, um usuário pode não só baixar e utilizar gratuitamente o Tainacan como contribuir para o seu desenvolvimento e melhoria. O referido *software* também foi adotado por diversas instituições privadas e do terceiro setor para a publicação de seus acervos digitais. Atualmente o



Tainacan é utilizado por mais de 20 instituições de ensino, dentre elas universidades federais, estaduais, municipais e instituições privadas de ensino. O *plugin* Tainacan também funciona com qualquer tema WordPress e permite que, através de certos vocabulários controlados de temas e categorias de áreas específicas do conhecimento, acervos documentais em formas e suportes diversos sejam compartilhados entre as instituições dentro de um mesmo ambiente de consulta.

O BIEV, ao adotar o *software* livre Tainacan para tornar acessível a um público amplo o seu acervo de pesquisa institucional, realizado dentro do Laboratório de Antropologia Social/PPGAS/UFRGS, participa de uma Comunidade *Open Source*. Trata-se de uma comunidade que vem sendo construída ao longo do tempo, com o objetivo de colaborar no desenvolvimento de novas aplicações e funcionalidades para o *software* Tainacan em nível nacional e internacional.

Dessa forma, o projeto de criação de repositório digital audiovisual de pesquisas na área da Antropologia Urbana e das Sociedades Complexas realizado pelo BIEV representa a aproximação de seus pesquisadores com outros grupos de pesquisa que vêm consolidando a plataforma Tainacan do Brasil e do exterior. O projeto tem igualmente uma participação efetiva no processo de mapeamento dos casos de uso do *software* que vem sendo acompanhado pelo Laboratório de Inteligência de Redes da Universidade de Brasília (UnB), com apoio da Universidade Federal de Goiás, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e do Instituto Brasileiro de Museus. Aprofundar o diálogo da pesquisa do BIEV com o repositório digital de acervos audiovisuais, as coleções etnográficas na área da Antropologia Urbana e das Sociedades Complexas significa, por outro lado, a intensificação das trocas interdisciplinares promovidas com as experiências internacionais acumuladas pelo Laboratório de Inteligência de Redes da Universidade de Brasília, no sentido de aprimorar a interlocução entre as instituições públicas de produção do conhecimento técnico-científico com os membros da sociedade civil.

O desafio reside precisamente no aperfeiçoamento de uma ferramenta inteligente, o *software* Tainacan, por meio da qual todo usuário poderia acessar, por associação e dedução, um determinado assunto acerca da memória coletiva e o patrimônio etnológico de Porto Alegre, provocando-o a olhar tais fenômenos desde a perspectiva dos estudos de Antropologia das Sociedades Complexas. Obviamente, o *corpus* desse tipo de pesquisa documental é constituído pela busca e recuperação dos dados das investigações etnográficas realizadas pelos pesquisadores do BIEV no contexto urbano portoalegrense. Tais informações, reunidas ao longo dos anos, apresentam conteúdos provenientes de várias fontes. E para que isso se torne possível, Pickler (2007, p. 67) esclarece que é necessário “embutir *semântica* na estrutura



dos dados”, na estrutura dos documentos disponíveis em repositórios digitais abertos, de tal modo que o próprio sistema de busca do Tainacan identifique o assunto e o conteúdo de um documento e que, por meio desse procedimento, percorra outros documentos a ele associados dentro de um domínio de temas. Ou seja, trata-se de pensar a disponibilização das coleções etnográficas na plataforma Tainacan segundo um mecanismo de manipulação dos arquivos de documentos relacionados entre si, de forma lógica e semântica, em linguagem documentária.

Na estruturação do dispositivo de controle terminológico bieviano, os arquivos multimídia são inseridos no interior da plataforma Tainacan, de acordo com certas classes (categoria) e subclasses (palavras-chaves) e com base em uma taxinomia originária do campo conceitual dos estudos de Antropologia das Sociedades Complexas (Pickler, 2007). Complementarmente, é através da indexação de cada um desses arquivos dentro de tais classes e subclasses, associados aos dados dos fundos arquivísticos de onde provêm (tais como fonte, fundo de origem, descritor, data, autor etc.), que pensamos os mecanismos de recuperação (Rios; Cordeiro, 2010) das informações contidas no repositório digital do BIEV sobre a memória coletiva da comunidade urbana porto-alegrense por parte do usuário da *web*.

Se por um lado o uso do tesouro bieviano pode representar um “fechamento semântico” dos significados contidos nos documentos etnográficos – pois, uma vez indexados isoladamente eles perdem a polissemia característica da sua linguagem originária –, por outro, quando correlacionados entre si no formato de coleções multimídia, segundo seus núcleos de significação, os mesmos adotam outra ordem de conhecimento, mais flexível, possibilitando compartilhamento mútuo de sentidos quando disponíveis em um mesmo ambiente digital. Assim, com base nos estudos da Web Semântica, o conceito de ontologia, ao propor a construção de bases de conhecimentos interoperáveis, permite-nos compreender o papel da infraestrutura tecnológica da Internet na atribuição de sentidos e significados ao conteúdo dos documentos nela armazenados, segundo os mecanismos de busca de que ela dispõe (Pickler, 2007, p. 72).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale lembrar que, no caso dos arquivos etnográficos que acumulamos nos anos de pesquisa realizadas no BIEV, eles se encontram organizados no formato de “coleções etnográficas” disponibilizadas no site do BIEV, via plataforma Tainacan. Uma coleção não decorre da obra sistemática de um pensador apenas, pois ela com-



porta adições, correções e retoques que resultam da colaboração de vários outros pesquisadores que tratam de temas afins em suas investigações. As formações de coleções etnográficas multimídia com as quais operamos a organização do conhecimento bieviano remontam, portanto, a fatos/documentos herdados de uma rede de pesquisadores que passou por esse núcleo de pesquisa em sua formação de graduação e/ou pós-graduação. Compreende, igualmente, todos os documentos pesquisados no interior dos acervos públicos e privados, tarefa para a qual contamos com a colaboração de trabalhadores, outros(as) pesquisadores e colegas.

Com isso, a estruturação de instrumentos de organização das informações contidas em nossos arquivos etnográficos começou a ser pautada pela busca do entendimento das correlações possíveis entre os fatos/documentos/testemunhos neles contidos, não mais orientados para o estudo fragmentário de cada arquivo, mas sim para pensar o conjunto de suas relações. A etnografia da duração nos impunha a criação de nossos instrumentos de representação em ambientes digitais, nos quais os arquivos etnográficos não eram mais considerados apenas isoladamente, mas também pelo efeito de sua convergência, segundo certas correlações de sentido.

Levamos em conta nossos estudos anteriores sobre as formas de tratamento documental para o caso dos fenômenos temporais que ordenam, no interior de certas estruturas espaciais, as formas de vida social segundo certos arranjos no contexto metropolitano de Porto Alegre. Seguimos com o desafio de divulgar estes 25 anos de produção etnográfica – disponibilizando os dados a partir de uma perspectiva de abertura, transparência e acessibilidade – assim como a produção científica que revela os esforços coletivos de uma equipe de estudos antropológicos em pesquisar o viver urbano através de suas imagens e representações, restituindo sua produção na forma de uma ciência aberta.

No caso dos acervos de coleções etnográficas do BIEV, essa problemática significou para os pesquisadores da instituição o esforço de estudar e aprimorar os fundamentos teóricos e conceituais da classificação de tais arquivos no ambiente da plataforma Tainacan, de acordo com duas frentes de trabalho. A primeira diz respeito ao estudo das formas de representação e organização dos domínios do conhecimento antropológico que tem a cultura da escrita e do espaço livresco como referência, desde suas origens até a incorporação dos recursos audiovisuais e as mídias digitais no processo representacional dos dados etnográficos. A segunda se refere à pesquisa com os processos singulares de transferência de informações contidas nos diferentes registros etnográficos, sob o formato de arquivos contendo coleções etnográficas para a sua posterior recuperação por meios eletrônicos, através da plataforma Tainacan.



Por fim, o que nossa experiência indica é pluralização das formas de produção de conhecimento que vão além da dimensionalidade do espaço livresco. Essa multiplicidade dialoga fortemente com a temática da restituição através de repositórios digitais *open access*, como o Tainacan. As pesquisas na e da cidade e o compartilhamentos das mesmas, através de diversas formas de colaboração, materializam o ideal do Banco de Imagens e Efeitos Visuais. Pesquisar o urbano com imagens, organizar acervos através de coleções etnográficas e, não menos importante, restituir.



REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **L'intuition de l'instant**. Paris: Stock, 1992.

BACHELARD, Gaston. **La dialectique de la durée**. Paris: PUF, 1963.

BOCCATO, Vera; RAMALHO, Rogério; FUJITA, Mariângela. A contribuição dos tesauros na construção de ontologias como instrumento de organização e recuperação da informação em ambientes digitais. **Ibersid: Revista de Sistemas de Información y Documentación**, n. 2, p. 199-209, 2008. ISSN 1888-0967.

CAMPOS, Maria Luiza; GOMES, Hagar. Organização de domínios de conhecimento e os princípios rangathanianos. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 150-163, jul./dez. 2003.

CERVO, Matheus. **O Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Biev) e os problemas da comunicação científica do patrimônio etnológico sobre memória ambiental urbana**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

CRIPPA, Giulia. Os arquivos na intersecção de campos de conhecimentos diferentes. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 1, p. 126-131, mar./ago. 2017.

DURAND, Gilbert. **Les structures anthropologiques de l'imaginaire**. Paris: Dunod, 1984.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas**. Brasília: ABA publicações, 2015.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza C. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

MAKHLOUF, Basma. La contribution des principes de l'évaluation archivistique aux qualités des archives définitives. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, p. 105-128, 2009. ISSN 1518-2924

MBEMBE, Achille. "Decolonizing Knowledge and the Question of the Archive." Africa is a Country, contributed by Angela Okune. **Platform for Experimental Collaborative Ethnography, Platform for Experimental Collaborative Ethnography**, last modified 14 August 2018. Disponível em: <https://worldpece.org/content/mbembe-achille-2015-“decolonizing-knowledge-and-question-archive”-africa-country>. Acesso em: 8 nov. 2024.

MBEMBE, Achille. L'esclave, figure de l'anti-musée?. **Africultures**, n. 1, p. 38-42, 2013.

MOURA, Maria Aparecida. Informação, ferramentas ontológicas e redes sociais ad hoc: a interoperabilidade na construção de tesouros e ontologias. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 59-73, jan./abr. 2009.

PICKLER, Maria Elisa Valentim. Web Semântica: ontologias como ferramentas de representação do conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 65-83, jan./abr. 2007.



PIMENTA, Ricardo Medeiros. **Política de memória no Colégio Pedro II: paradoxos para preservação do patrimônio documental**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

RIOS, Elaine Rosa; CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. Plano de classificação de documentos arquivísticos e a teoria da classificação: uma interlocução entre domínios do conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, p. 123-139, 2010.

